

A INTERLOCUÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DA ÁREA PSICOSSOCIAL, ADOTANTES E CRIANÇAS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: SEMEANDO E (A)COLHENDO.

Toda e qualquer criança e adolescente brasileiro, tem, desde 1990 assegurado pela Lei nº 8.069 que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a garantia de proteção integral e cuidados especiais, sempre que seus direitos forem violados ou ameaçados. A autoridade judiciária fica encarregada de utilizar medidas protetoras, tornando-se às vezes necessário retirá-las da família de origem e inseri-las em programas de acolhimento institucional. Segundo a Nova Lei da Adoção de 2009 (Lei 12.010/09), o acolhimento em instituições é considerado uma medida provisória e excepcional, não devendo ultrapassar o período de dois anos e em especial deve privilegiar a reinserção na família de origem. É, pois uma forma de espera pela reestruturação familiar e de preparo daquela criança/adolescente que se encontra em situação de risco social ou pessoal. No entanto, quando não há mais possibilidades de reinserção na família de origem ou extensa, o acolhimento pode ser também uma transição para o processo de adoção. Se por um lado a institucionalização acolhe e contém, por outro pode provocar ansiedade devido a mudanças no ambiente, na rotina, nas pessoas com quem a criança passa a conviver, levando-a a ter de se adaptar às novas situações. Da mesma forma a adoção não deixa de ser um fenômeno social complexo. Tanto o desligamento da família biológica, que pode desencadear tristeza e luto dentre outras implicações; quanto a espera pela família adotante, vem acompanhada de ansiedade inerente à construção de um novo vínculo filial, envolvendo esperança, desafios, possibilidades e limitações. Tais fatos denotam importantes aspectos psicossociais que necessitam de acompanhamento, estudo e profunda sensibilidade por parte de todos envolvidos neste fenômeno, sejam adotantes, potenciais adotandos ou profissionais da área. Dessa forma a Lei nº 12.010/09, visando otimizar as relações entre adotantes e adotandos na construção de laços familiares duradouros, determina, através de seu artigo 50, que os candidatos à adoção obrigatoriamente participem de um curso preparatório. No preparo psicossocial dos pretendentes a adoção, pode-se esclarecer às pessoas envolvidas, os meandros da adoção, seu procedimento e dificuldades de forma a minimizar a possibilidade de devolução da criança ou do adolescente, que quando ocorre, faz aumentar ainda mais a vivência de abandono. Ainda a Lei 12.010/09, assegura àqueles em condições de serem adotados, que antes de serem colocados junto à família substituta, passem por período gradativo de preparação e por acompanhamento posterior realizado pelos profissionais da Justiça da Infância e Juventude. Diante do exposto, observa-se hoje um contexto em que tanto a adoção quanto a reinserção na família de origem e a situação de acolhimento de crianças e adolescentes são pontos intimamente ligados. Destaca-se que precisam ser temas de pesquisa, discussão em congressos e afins viabilizando dar sustentação àqueles profissionais que atuam com crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade psicossocial, assim como despertar o interesse naqueles que pretendem trabalhar na área. Dessa forma justifica-se a proposição da Sessão Coordenada nomeada de A interlocução entre profissionais da área psicossocial, adotantes e crianças em acolhimento institucional: semeando e (a) colhendo.

A RELEVÂNCIA DA INTERAÇÃO ENTRE PAIS ADOTIVOS E PRETENDENTES À ADOÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO CURSO PREPARATÓRIO PARA ADOÇÃO EM UBERABA. *Martha Franco Diniz Hueb, Cláudia Helena Julião, Débora Prado da Silva*, Deise Coelho de Souza* (Universidade Federal do Triângulo Mineiro-Uberaba-MG)*

Este trabalho tem por objetivo descrever a interação entre pais adotivos e pretendentes à adoção a partir da experiência na XII turma do Curso Preparatório para Adoção, realizado pelo Grupo Interinstitucional Pró Adoção (GIPA), em Uberaba-MG. O referido grupo é composto por representantes do Ministério Público, da Vara da Infância e Juventude, de duas instituições de ensino superior: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Universidade de Uberaba (UNIUBE), e de uma instituição civil de apoio à adoção: o Grupo de Apoio à Adoção de Uberaba (GRAAU). Sua criação se deu em 2010 em virtude da exigência de preparação psicossocial e jurídica dos postulantes à adoção trazida pela Lei n° 12.010/09, conhecida como Nova Lei da Ação. O curso proposto pelo GIPA tem como objetivo contribuir para a reflexão e conscientização dos postulantes à adoção acerca das implicações psicológicas, sociais e legais que norteiam o processo de adoção. O curso ocorre em oito encontros, com duração de duas horas cada, sendo priorizadas metodologias participativas, com utilização de diferentes formas de expressão, configurando um espaço de acolhimento e compartilhamento de dúvidas, emoções e expectativas e construção conjunta entre os participantes e os coordenadores. Cada turma do curso é composta de até 20 pessoas que já estão habilitadas para adoção ou encontram-se em processo de habilitação junto à Vara da Infância e Juventude da Comarca de Uberaba, o que possibilita uma composição diversificada do grupo, inclusive com a participação de pessoas que já estão com a guarda e/ou concretizaram a adoção de crianças. Na XII turma do curso preparatório, cujas atividades foram realizadas no período de março a junho de 2013, houve a participação de um casal que já estava com a guarda das crianças, visando à adoção das mesmas e 14 pessoas habilitadas ou ainda em processo de habilitação e que, portanto ainda não receberam crianças para adoção. Durante os encontros, o casal que já estava com a guarda de crianças expôs suas experiências em relação à adoção, principalmente no que se refere à adaptação das crianças. Observava-se que todos os integrantes se interessavam em saber como era a realidade com os filhos adotivos e a maneira como estes estavam se adaptando ao novo quadro familiar. A presença de pais com a guarda de crianças no grupo foi de suma importância, pois trouxe às discussões a concretude do real frente às fantasias dos demais casais, fato que pode ser confirmado por meio da fala de uma participante do grupo ao afirmar que “para nós é muito rico o relato deles, pois já estão com as crianças e dão exemplos reais, [enquanto] nós podemos apenas imaginar”. Assim, o grupo parte de uma discussão baseada em suposições que podem ser confrontadas por informações verídicas. Dessa forma, as pontuações das coordenadoras, teoricamente sustentadas na cientificidade, ganham força ao serem ilustradas pela experiência prática do casal que possui a guarda de crianças. Esta condição possibilita o enriquecimento dos demais participantes do grupo, ao refletirem sobre situações reais da parentalidade adotiva.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Família, Adoção, Interação Grupal

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

PROJETO “CLÍNICA E PESQUISA EM ADOÇÃO” – UMA EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA E NA PESQUISA. *Camila Fernanda Sant’Ana**, *Maria Luisa Louro de Castro Valente*, *Helena Rinaldi Rosa* (UNESP Univ. Estadual Paulista – Assis – SP).

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto “Clínica e Pesquisa em Adoção”, realizado há 11 anos na UNESP, campus de Assis, vinculado à Pró Reitoria de Extensão Universitária. O projeto visa promover junto aos alunos e à sociedade o estudo e divulgação da temática das relações familiares e a adoção, além de colaborar com a formação acadêmica dos alunos do 4º e 5º ano do curso de Psicologia. Os participantes e bolsistas do Projeto discutem questões relativas à adoção e seus aspectos psicossociais e legais, além de oferecer espaço para reflexão, orientação e atendimento clínico a famílias com indivíduos adotados e/ou pretendentes à adoção; tais práticas possibilitam o desenvolvimento de outros olhares, menos preconceituosos e mais reais sobre maternidade, paternidade e parentalidade, além de questões específicas da adoção. Realizamos atendimentos clínicos e escuta interventiva buscando auxiliar a comunidade externa a compreender qual o sentido da adoção, ressignificando assim a sua prática. Além disto, as discussões sobre a temática de adoção e todos os aspectos que a envolvem permite que os estagiários ressignifiquem o olhar sobre a adoção junto à comunidade, desmistificando algumas questões que permeiam o imaginário dos pais adotivos ou pretendentes à adoção. Entre as atividades realizadas, podemos citar a sensibilização e formação dos alunos participantes para este tema, discussões e estudos teóricos com base psicanalítica sobre Psicologia do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Personalidade e da Família, dessa forma contribuindo na responsabilidade social dos futuros psicólogos. O grupo realiza diferentes atividades: atendimento clínico individual, de casais e de famílias, no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA), que tenham demandas com questões relacionadas à adoção. Também são promovidos grupos de pais adotivos e pretendentes à adoção, no qual são levantadas questões relativas às expectativas, aos medos e fantasias e às vivências durante e após o processo de adoção. É realizado um “Curso Preparatório para Pais Pretendentes a Adoção”, sendo parte obrigatória do processo para a efetivação do interesse em adotar e ingresso no cadastro nacional. Como forma de atingir a sociedade de maneira ampla, são publicadas matérias relativas ao tema em jornais locais, alcançando assim uma maior parcela da população. Acredita-se que o desenvolvimento desse trabalho possibilita à comunidade uma ressignificação sobre a cultura da adoção, visto que, ao invés de um ato de caridade, é um ato de amor. Mais que uma “boa ação”, a adoção é um direito garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e possuir uma família é direito de toda a criança e adolescente. Através dessas ações, é possível observar que o olhar do psicólogo pode contribuir na construção de novos entendimentos sobre a adoção, tanto na visão da sociedade como das famílias.

Apoio financeiro/Bolsa: PROEX

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: Família, Adoção, Psicanálise

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DIANTE DA ADOÇÃO: PERFIL DOS ADOTANTES E EXPECTATIVAS DIANTE DO FILHO. *Gleice de Souza Ferreira* (Universidade de Taubaté, Taubaté - SP), *Paulo Francisco de Castro* (Universidade de Taubaté - SP e Universidade Guarulhos - SP).

O objetivo deste trabalho foi descrever o perfil dos indivíduos que buscam a adoção de uma criança, bem como levantar as expectativas expressas diante do filho que será adotado. Várias discussões relacionam-se às motivações e desejos diante da adoção de uma criança, dentre elas os elementos psicológicos que os futuros pais apresentam a partir da representação da paternidade e maternidade, demandas pessoais envolvidas no processo, elementos de cunho social ou assistencialista, entre outros. Participaram do estudo 13 pessoas, sendo seis do sexo masculino e sete do sexo feminino que responderam a entrevistas sobre informações pessoais e expectativas diante do processo de adoção. As idades variam entre 26 e 62 anos, havendo predominância na faixa dos 40 anos (N=7). Todos os participantes da pesquisa eram casados. Em relação ao grau de instrução, duas pessoas concluíram o ensino fundamental, seis pessoas concluíram o ensino médio e cinco pessoas concluíram o ensino superior. No que se refere ao fato de terem filhos, três participantes têm filhos naturais, cinco participantes têm filhos adotivos, dois participantes têm filhos naturais e adotivos e três participantes não têm filhos. O tempo em que estão no processo de adoção, varia de quatro meses a cinco anos, nesse período dez participantes nunca pensaram em desistir do processo e três participantes pensaram em desistir pela demora e a idade que está avançando do adotante. Em relação ao motivo que os levou à adoção, quatro pessoas disseram que queriam ter mais filhos, geralmente, do sexo oposto ao que tem, a maioria (N=8) optou pela adoção devido ao fato de não terem filhos por motivos biológicos. Os participantes tiveram conhecimentos do processo de adoção por televisão (N=2), internet (N=3), por outras pessoas (N=2), desejo de adotar e procuraram a informação no fórum (N=8). Quanto a adotar mais de uma criança, seis pessoas disseram que sim, quatro pessoas disseram que não e três pessoas disseram que talvez, devido às condições financeiras e a espera do primeiro filho. No que se refere à preferência do filho adotivo, a maioria (N=9) tem preferência pelo sexo feminino e dois participantes, pelo sexo masculino. Geralmente preferem do sexo oposto aos filhos que possuem; os que ainda não têm filhos preferem sexo feminino. Quanto à faixa etária, 11 participantes disseram preferir até cinco anos, variando em meses e anos. Alegam ser devido ao desejo de participar de todo o processo da criança, desde seu nascimento. Nenhum participante respondeu a respeito da preferência da etnia. Diante dos resultados obtidos, observa-se que a maioria das pessoas se inscreve para adoção devido à realização do sonho de serem pais, e que geralmente, por motivos biológicos, não conseguem concretizá-lo, por terem filhos biológicos e desejarem ter mais, ou até mesmo, por desejarem ter filhos com sexo oposto aos que têm. Em todos os casos, a adoção era vista como preenchimento, no sentido de suprir a falta de algum aspecto que trará felicidade maior à pessoa, ao casal e aos familiares.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Adoção, Parentalidade

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

O PROCEDIMENTO DE DESENHOS ESTÓRIAS COM TEMA EM CRIANÇAS ENCAMINHADAS PARA PROCESSO DE ADOÇÃO. *Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, Ricardo Rentes Rodrigues Pereira (Universidade de São Paulo -SP)*

O presente trabalho teve como palco e cenário uma instituição de acolhimento-abrigo. Tais serviços são hoje denominados Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). O Objetivo foi compreender o impacto da destituição do poder familiar na vida de um grupo de irmãos acolhidos, bem como o encaminhamento

destes para um processo de adoção internacional. O Método utilizado no presente trabalho foi uma abordagem qualitativa e o estudo de caso. Um grupo de três irmãos, acolhidos em um abrigo de uma cidade da grande São Paulo-Brasil, foram os participantes do estudo. Duas meninas, uma com cinco e a outra com sete anos e um menino de nove anos, estavam acolhidos há aproximadamente quatro anos e durante esse período nunca receberam visitas de ninguém da família de origem. Os motivos do acolhimento institucional foram maus tratos, violência física, negligência de cuidados e abandono de incapaz. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o Desenho Estória com Tema, derivado do Procedimento de Desenhos Estórias de Walter Trinca, com base nos trabalhos de Tardivo. Os temas dos desenhos aplicados foram escolhidos com o intuito de avaliar o impacto, tanto da destituição como da futura adoção, e fornecer bases para uma intervenção. Os temas foram: 1. Eu antes do abrigo – 2. Eu hoje no abrigo e 3. Eu depois, fora do abrigo. Os Resultados alcançados por meio dos Desenhos com Tema apontam que o processo de acolhimento institucional marca profundamente a subjetividade humana, ao qual está diretamente ligada ao rompimento com figuras parentais e de referência. Também se evidenciou que a violência pode estar presente e vivenciada desde o início no processo de separação da família biológica até a chegada a SAICA, envolvendo nesse caso outros atores da rede de assistência e proteção, como Conselho Tutelar e Polícia Militar. Por outro lado, os resultados mostram também que a instituição de acolhimento pode favorecer uma experiência integradora e significativa do ponto de vista do desenvolvimento emocional e da concretização de projetos de vida e não necessariamente uma vivência permeada somente com situações de violência. Dessa forma, chegou-se a conclusão de que o acolhimento pode também contribuir para um desenvolvimento humano exercendo, dentro de suas limitações e particularidades, o papel de um ambiente facilitador e de um substituto provisório da família. Tal ambiente sendo protetivo, acolhedor e facilitador, pode auxiliar e muito no sucesso de um futuro processo de adoção, através do cuidado, da ética, da proteção e de um encontro humano, contribuindo para que ocorram as condições suficientes para a criação de novos laços afetivos, da possibilidade de acreditar e de sonhar em pertencer a uma nova família. Por fim chega-se à conclusão de que o processo de adoção deve ser cuidadosamente conduzido por mobilizar nos envolvidos, medo, dor, angústia e por sorte, confiança, esperança e fé em algo novo.

Apoio financeiro/Bolsa: CAPES

Nível do trabalho: Pós-Doutorado - PD

Palavras-chave: Abrigo, Criança e Adoção

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade

LUDICIDADE: ESPAÇO POTENCIAL NA TRANSIÇÃO ENTRE INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO E FAMÍLIA ADOTIVA. *Martha Franco Diniz Hueb, Ana Elisa Crispim*, Joziana Jesus da Mata* (Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro-Uberaba-MG), Claudia Helena Julião (Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Triângulo Mineiro-Uberaba-MG)*

O presente trabalho objetiva discorrer sobre o desenvolvimento de dois irmãos, em processo de adoção, participantes do Projeto de Extensão “O Lúdico na construção das relações afetivas e sociais VI”. A Lei 12010/2009 – Lei Nacional da Adoção, trouxe importantes alterações na legislação brasileira, especificamente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Código Civil no que se refere à adoção no país. Entre as

propostas da Lei está a obrigatoriedade das pessoas interessadas em adotar se submeterem a preparação prévia e também receberem um acompanhamento no período pós-adoção. O Projeto Lúdico apresentou-se com o objetivo de proporcionar um espaço de acolhimento às crianças cujos pais e/ou responsáveis participavam do Curso Preparatório para a Adoção promovido pelo Grupo Interinstitucional Pró-Adoção (GIPA). A utilização de atividades lúdicas permeadas pela manufatura de brinquedos que resgatem as tradições culturais e intermediam a construção das relações afetivas e sociais pode favorecer a expressão do mundo interno dos envolvidos. O projeto foi estruturado em oito encontros quinzenais, com duração de duas horas cada, e aconteceu em paralelo ao Curso Preparatório, no Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia Aplicada (CEPPA) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) na cidade de Uberaba, MG. A metodologia adotada com os dois irmãos, meninos de três e cinco anos de idade, foi a de oficinas lúdicas, destacando-se neste relato as de Confecção de Massa de Modelar, Colagens e de Contação de Histórias. Ao finalizar cada oficina fazia-se intervenções associando que assim como se pode modelar a massinha, fazer novas colagens com recortes de revistas, e contar e recontar histórias, as relações humanas, em especial as familiares, podem ser novamente modeladas, recoladas e uma nova história pode ser escrita. Ressalta-se que na visão winnicottiana, a brincadeira se desenvolve no espaço potencial, o que permite a apresentação e acolhimento do mundo à possibilidade individual da criatividade primária. O brincar pode mobilizar todos os recursos disponíveis na personalidade da criança sendo essencial para a manutenção da saúde mental. Desse modo enfatizou-se a criatividade dos meninos durante as oficinas e o livre brincar, o que possibilitou a expressão de vivências e angústias impensáveis, de vínculos rompidos e dos novos em estruturação. A presença real das extensionistas permitiu a expressão da ambivalência de afetos, muito comum em crianças institucionalizadas: ora carinho, ora rejeição, ora agressão e repúdio, ora pedidos de atenção e colo. A constatação de que as extensionistas se mostravam inteiras e integradas a cada encontro, apesar da agressividade dirigida-lhes no anterior, proporcionava holding aos irmãos e abria espaço para a expressão de suas necessidades. Observou-se que à medida que construíram novas brincadeiras, perceberam que as relações sociais e afetivas, em especial o amor filial, maternal e paternal poderiam ser construídos, sustentados e permanecerem constantes, dissipando a angústia de novo abandono. Conclui-se que as antigas lembranças não se apagam, mas que a adoção, sustentada em um espaço potencial pode abrandar as feridas ao possibilitar um novo renascer, uma nova travessia rumo ao mundo compartilhado.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Lúdico; Adoção, Família

Área da Psicologia: FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade